

“O BRASIL SERÁ O ÚLTIMO PAÍS DA AMÉRICA A POR A CASA EM ORDEM”

(Jeffrey Sachs, economista e consultor)

PAÍS PRECISA DE UM PROGRAMA JÁ

Para Sachs, é mais fácil hoje um plano de estabilização do que há cinco anos.

“O Brasil não precisa esperar mais dois ou três anos para fazer um programa de estabilização. A questão é de liderança política, que o presidente explique ao povo quais serão os ganhadores e quais os perdedores. Já se fez bastante, mas a estabilização não começou. Hoje é mais fácil do que há cinco anos, com US\$ 19 bilhões de reservas cambiais, abertura, progressos na privatização e algum ajuste fiscal. A opinião é do economista Jeffrey Sachs, consultor da Rússia, Polônia e Bolívia, em seminário promovido, ontem, pelo *O Estado de S. Paulo*, *Jornal da Tarde* e pelo Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, sobre os riscos de hiperinflação no Brasil e na Rússia.

Segundo o economista, o perigo é que o Brasil fique contente com o estágio atual e acredite que é impossível melhorar. “Técnicamente, o Brasil pode traçar um programa de estabilização satisfatório, com apoio internacional e da opinião pública que forçaria o Congresso, que hoje não tem razão para operar o processo. Mas pressionado, tomará decisões para ajudar a saúde do País”. Após 15 anos de estagnação, “o Brasil pode recuperar sua saúde. O País ficou para trás, mas pode virar essa página”.

Francisco Gros, ex-presidente do Banco Central, Roberto Mace-



Norman Gall(esq.) e Jeffrey Sachs: Brasil pode recuperar-se.

do, ex-secretário de Política Econômica, Norman Gall, diretor do instituto, e William Waack, correspondente de *O Estado* em Berlim, participaram do debate. Gros discordou de Sachs. “Faltam as pré-condições para que o Brasil faça um programa de estabilização”, afirmou Gros. Ele acredita que no Brasil a inflação “é endêmica” e foi usada “como instrumento de política econômica. O objetivo foi concentrar os recursos nas mãos do governo que era a locomotiva do desenvolvimento econômico. A opção foi consciente e o modelo foi bem sucedido por duas gerações”.

Gros afasta o risco de hiperin-

flação e sugere que é preciso “uma solução política definitiva” para evitar que a cada período eleitoral o poder seja entregue a um presidente que só tem uma bala na espingarda e deve manter o tigre inflacionário. A independência do BC, segundo Gros, não é suficiente. “O BC não podia controlar o segundo maior banco comercial do País”.

Para dar um sinal de controle fiscal, o economista Roberto Macedo sugeriu que “o governo ponha 300 ou 400 sonegadores algemados e mostre no *Jornal Nacional*”. Macedo citou o exemplo de Liona Helmsley, a milionária americana que está na cadeia.

O Brasil, segundo Sachs, “será o último País da América do Sul a pôr a casa em ordem”, depois do Chile, México, Argentina e até do Peru. Um bom exemplo para o Brasil é a Polônia, que teve uma inflação de 54% em outubro de 1989, fez um plano econômico em 1º de janeiro de 90 e instantaneamente reduziu a inflação a 30% ao ano. “O Brasil tem mercados oligopolistas e não há concorrência interna, que foi aberta na Polônia. A abertura da economia (brasileira) deve ser mais extrema. A concorrência deve ser agressiva. Não faz sentido ser gradualista onde há pouco mercado.” Em três anos, foram criadas 1,5 milhão de empresas na Polônia que respondem por 60% do Produto Interno Bruto (PIB), enquanto 95% eram estatais no regime anterior.

“O motivo para não estabilizar a economia é a continuação dos privilégios dos grupos de interesse que se beneficiam com essa situação. Os custos sociais (de um programa de estabilização) não são maiores que a desordem que vem, há vários anos, destruindo o sistema financeiro. Qualquer que seja o custo da estabilização ele é uma sombra perto dos custos atuais. Há uma relutância extrema das administrações públicas, dos que querem ser financiados pelo Estado, e os que recebem subsídios.”

Fábio Pahim Jr.